PERSPECTIVAS E NOVAS DESCOBERTAS ATRAVÉS DA OBRA “AY KAKYRI TAMA”

Área Temática

Cultura; Educação.

Coordenador(a) da atividade: Pascoalina Bailon de Oliveira SALEH

Solene Aparecida dos Santos BARBOSA[1]; Silvana OLIVEIRA[2].

Política de Cotas e Acesso ao Ensino Superior: Cursinho Popular da UEPG

Resumo: Este trabalho é um relato acerca de aulas ministradas para alunos do projeto de extensão “Política de Cotas e acesso ao Ensino Superior: Cursinho Popular da UEPG´”, tendo como tema o livro de Literatura Indígena “Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade”, da autora Márcia Wayna Kambeba. Trata-se de um livro de poemas com foco em temas indígenas, lançado em 2013 e aprovado como um dos livros para leitura obrigatória para o vestibular desde 2023. O plano de aula contém cinco aulas, preparado também com base no livro *O lugar do saber*, da mesma autora, além de coleta de dados de artigos, vídeos, imagens e sites relacionados ao tema da literatura indígena, com prioridade para o diálogo na execução das aulas. O objetivo principal é que as aulas possam proporcionar aos estudantes do Cursinho a aquisição de novos conhecimentos e a oportunidade de ressignificar concepções equivocadas, que estão enraizadas na nossa sociedade, acerca da cultura e Literatura Indígena.

Palavras-chave: Cursinho Popular; Literatura Indígena; Ay Kakyri Tama.

[1] Apresentadora; aluna do curso de Licenciada em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Bolsista do Programa PIBEX; 22004858@uepg.br.

[2] Coordenadora do projeto; Professora do Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL); Bolsista do Programa Universidade sem Fronteiras; soliveir@upeg.br.



INTRODUÇÃO

Antes de introduzirmos nosso tema principal, gostaríamos de apresentar o contexto sobre o projeto no qual ele está inserido e os financiamentos que ele recebe, isto é, um breve contexto sobre aqueles que possibilitaram a realização deste trabalho.

O Cursinho Popular da UEPG é uma das atividades centrais do Projeto de Extensão "Política de Cotas e Acesso ao Ensino Superior: Cursinho Popular da UEPG" e está em sua quinta edição, tendo passado por vários formatos desde 2018 e recebido financiamentos públicos, principalmente do Estado do Paraná. A edição atual do Cursinho Popular da UEPG iniciou as atividades em fevereiro de 2025 e recebe financiamento da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná, por meio do Programa Universidade sem Fronteiras e também da Encomenda Governamental 2025 para a Extensão Universitária das IES paranaenses, ambos com duração de 12 meses. Em maio de 2025, a Coordenação do Projeto submeteu a proposta do Cursinho Popular da UEPG ao primeiro Edital da Rede Nacional de Cursinhos Populares, criada no âmbito do Ministério da Educação do Governo Federal, e foi selecionado, juntamente com mais centenas de Cursinhos Populares de todas as regiões do Brasil, o que garantiu o financiamento de bolsas e custeio para o Projeto de julho a dezembro de 2025.

Agradecemos os financiamentos atuais que dão condições de o Cursinho Popular manter ativas três turmas regulares, cada uma com 40 alunos e alunas, de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h, com a oferta de todos os principais conteúdos cobrados nas Provas do Vestibular da UEPG e também do ENEM.

Com isso dito, iniciaremos esta apresentação, com destaque para a obra "Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade", livro de poemas da autora indígena Márcia Wayna Kambeba. Como temos conhecimento, apesar da criação e implementação da lei n.11.645/08, o governo não deu suporte suficiente para que essa lei pudesse ser cumprida, e assim, muitas escolas continuaram a ofertar Literaturas Indianistas e marcá-las como exemplos de Literatura Indígena. A problemática nisto começa quando literaturas que estereotipam e animalizam pessoas de outras culturas e contextos sociais são tratadas como verdade absoluta,

influenciando pensamentos preconceituosos e não dando aos estudantes a possibilidade de conhecerem o ser indígena como alguém inserido na sociedade atual; com isso, muitos veem no indígena apenas aquela figura marcada por livros de história e destacada em escritos de colonizadores: uma pessoa nua, selvagem, que não existe fora das aldeias.

Foi pensando nisso, que exaltamos a inserção da obra de Márcia Kambeba, que passou a ser cobrada como leitura obrigatória desde o Vestibular de 2023, como um marco muito importante, não apenas para etnias indígenas, mas também para estudantes em geral, que finalmente podem ficar familiarizados com um verdadeiro exemplo de literatura indígena, produzida por uma mulher indígena em contexto contemporâneo. Acreditamos que discutir a respeito de como foi a experiência de dar aulas acerca deste livro possa, de alguma maneira, influenciar outros professores e alunos a questionar visões estereotipadas sobre o que significa ser indígena, e convidá-los a embarcar em um aprendizado profundo sobre etnias que, dentro ou fora das aldeias, ainda fazem parte de nosso Brasil miscigenado.

OBJETIVOS

Embora dar condições para que nossos alunos passem no Vestibular seja também um dos objetivos do projeto, destacamos que nosso principal objetivo com as aulas do Cursinho é oferecer às pessoas em situação de vulnerabilidade social uma chance de aprender conteúdos que poderão auxiliá-los durante a caminhada acadêmica atual e futura, garantindo eventualmente maior consciência de classe e empatia para com outras culturas, também demonstrando a multiplicidade de vivências em território brasileiro. No caso das aulas focadas na obra citada anteriormente, nosso objetivo específico, por ora, é demonstrar aos frequentadores do projeto a importância dos temas expostos, visando quebrar concepções errôneas que podem ter sido reforçadas muitas vezes por pensamentos etnocêntricos ao longo dos anos escolares devido à falta de estrutura na implementação da Lei n.11.645/08. Também esperamos que nossa forma de dar aula possa ajudar outros professores que ainda tenham dúvidas quanto à forma de criar um plano de aula que naturalize a conversação acerca de temas indígenas.

METODOLOGIA

A principal forma de pesquisa utilizada para as aulas foi a bibliográfica, pois além de Ay Kakyri Tama, também foram usadas explicações do livro *O lugar do saber*, da mesma autora, além de coleta de dados de artigos, vídeos, imagens e sites relacionados ao tema da literatura indígena. Na execução das aulas, priorizou-se o diálogo.

RESULTADOS

Durante a exibição de slides e atividades relativos ao livro Ay Kakyri Tama, de Márcia Kambeba, os estudantes foram incentivados a expor as opiniões sobre o tema principal da aula e convidados a comentar sobre as interpretações pessoais que tinham a respeito dos poemas, e isso permitiu uma dinâmica interativa entre todos os estudantes entre si e com a professora. Pudemos observar que essa estratégia de diálogo ajudou muito na compreensão crítica dos temas abordados no livro e derivados dele.

As aulas dialogadas nos deram uma noção de como muitos dos frequentadores do projeto tinham uma visão inicial um tanto preconceituosa, com concepções muito restritas e generalizadas acerca do que significava ser um indígena. Conforme as aulas foram passando, aos poucos eles foram compreendendo de que forma Ay Kakyri Tama importava, não apenas para responder questões para o vestibular, como também para a vida e desenvolvimento da consciência social.

Tendo isso em vista, podemos afirmar que iniciar as pesquisas para dar essas aulas foi uma maneira muito surpreendente e maravilhosa de quebrar nossos próprios estigmas sociais, já que costuma ser comum que esse tipo de literatura toque diretamente em pautas que muitas vezes são ignoradas no nosso cotidiano, como as queimadas de floresta, o direito de assumir a própria identidade por completo, e principalmente, o fato da etnia de alguém não poder ser desmoralizada apenas pela sua adaptação ao ambiente onde vive. Trata-se de pautas de extrema relevância que são frequentemente ofuscadas por uma falsa sensação de superioridade daqueles que marginalizam as etnias dos que foram os primeiros habitantes do



Brasil. Vendo por esse ângulo, cremos que conhecer tanto sobre a cultura Kambeba ajudou em nossa formação e também na dos alunos, que agora podem seguir percebendo que os povos originários não podem ser julgados levando em consideração apenas o modelo dos textos indianistas tradicionais ou abordagens de caráter discriminatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a obra Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade, da autora indígena Márcia Wayna Kambeba, tem sido uma esplêndida experiência por nos possibilitar mudanças significativas no nosso modo de ver a cultura indígena. Acreditamos que toda a equipe vai levar esses aprendizados para além do Cursinho Popular, pois nossa maior motivação é que a quebra de preconceitos que assolam nossa sociedade desde a colonização possa contribuir para um futuro com mais dignidade para etnias indígenas em todo o Brasil, e ajudar estudantes e professores a superar essa barreira de estigmas sociais, visando assim, um futuro em que a multiplicidade de vivências seja motivo de empatia e união dentro e fora do contexto escolar, e não motivo de afastamento.

APOIO

Agradecemos a todas as instituições que contribuíram para a realização deste trabalho: Programa PIBEX – UEPG ; Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná, por meio do Programa Universidade sem Fronteiras e da Encomenda Governamental 2025 para a Extensão Universitária das IES paranaense; Rede Nacional de Cursinhos Populares, vinculada ao Ministério da Educação.

REFERÊNCIAS

KAMBEBA, Márcia. **Ay Kakyri Tama**: eu moro na cidade. 2. ed. São Paulo: Pólen, 2018.

KAMBEBA, Márcia. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.